



Já um longo colar destações sucedeu diante de nós e aqui estamos, no mesmo ponto, a face erguida batida aos grandes ventos

devagar, maciamente, dedo familiar desenhando a curva duma face, repensamos o passado deitados sobre as dunas, enquanto uma gaivota corta a mancha da praia

Penso em ti como se não estivesses a meu lado mordendo um cacho de uvas negras. Evitamos a vaga que ameaçava quebrar-nos a espinha; mantemos colada ao corpo a chama que nos permite respirar

O mimetismo acciona as defesas e o melhor do amor é o dar por isso, a ciência das largas aberturas por onde escapamos ao arame farpado que nos limita e ofende

O crepúsculo modifica a linha dos teus olhos, altera a renda de luz que os sobrevoa, torna sensível a penugem salina que adere à tua pele.

Os meus dentes mordem, levemente, desvendados segredos, a areia infiltra-se entre os teus cabelos...

Estremecemos unidos sob a carícia do ar, entre ervas esguias, entre sinuosos carreiros de formigas que regressam, entre silêncios lentos e pulsações dencontro, entre verde e água. A soma final é a imagem que fica para recordarmos a força deste verão.

Longe do flutuar ameaçador das bandeiras da morte, entregamo-nos aos gestos perfeitos desta hora que nos envolve como um ovo.

Assim espero continuar mesmo depois de se fragmentarem as pedras abertas das muralhas. Os corredores que se adivinham conduzem a portas abertas e varandas de sol.

Com uma larga cana tridentada danzóis um pescador arranca aos rochedos um pequeno polvo. O dia naufraga cor de tangerina e os ruídos crescem dintensidade, isolados na sombra solar que zebra as ondulações do areal

escreverei o meu amor a giz para iluminar as paredes solitárias



**Nesta fase em que só o amor me interessa
o amor de quem quer que seja
do que quer que seja
o amor de um pequeno objecto
o amor dos teus olhos
o amor da liberdade**

**o estar à janela amando o trajecto voado
das pombas na tarde calma**

**nesta fase em que o amor é a música de rádio
que atravessa os quintais
e a criança que corre para casa
com um pão debaixo do braço**

nesta fase em que o amor é não ler os jornais

**podes vir poderes vir em qualquer caravela
ou numa nuvem ou a pé pelas ruas
- aqui está uma janela acolá voam as pombas -**

**podes vir e sentar-te a falar com as pálpebras
pôr a mão sob o rosto e encher-te de luz**

**porque o amor meu amor é este equilíbrio
esta serenidade de coração e árvores**



Sobre os Poemas

1

**Há poetas que constróem o mundo nos cafés,
outros que o fazem no claro-escuro
entre as prisões e os intervalos.**

**Há poetas que aguardam cartas de apresentação
nem eles sabem para onde:
para a vida que falhou?, para a manteiga
que lhes foi negada?**

**Mas todos têm um sonho, todos
se esforçam por valer o pão que amassam
— lançam seu delicado peso na balança.**

**Eles sabem, esses poetas,
que nada é eterno e imutável.**

2

**Tal a "Cadeia de Santo Onofre:
Copie o texto: envie a cinco amigos" ...
há poetas que se multiplicam, fendem
a vaga limite, impedem o suicídio,
explicam a vida, argamassam
dedicação e raiva.**

**Girassóis, rodam sobre si mesmos,
indicam o ponto onde a luz se abre.**

3

**Há poetas cuja poesia reagrupa, fornece
uma canção à cidade, martela
os que dormem alheios, move-se
silenciosamente ao jeito das estátuas.**

**Pacífica vaca ruminando na linha do rumo;
rosto impreciso solidificando breve;
tênue tinta azul no papel claro ...**

**Os poetas têm
como os peles-vermelhas do cinema
o seu fumo e os seus cobertores.**



Inventámo-nos

**Inventámo-nos. Somos
Eco do mesmo apelo reconhecido,
A mesma busca
Dum resgate impossível.
A mesma fome nos ergueu
Os braços
A um gesto de encontro,
Um riso,
Um pólen na viagem do vento.
E eis que o pássaro inexistente
Pousa
Concreto e tangível
Sobre os nossos ombros.**



Com Palavras

**Com palavras me ergo em cada dia!
Com palavras lavo, nas manhãs, o rosto
e saio para a rua.
Com palavras - inaudíveis - grito
para rasgar os risos que nos cercam.
Ah!, de palavras estamos todos cheios.
Possuímos arquivos, sabemos-las de cor
em quatro ou cinco línguas.
Tomamo-las à noite em comprimidos
para dormir o cansaço.
As palavras embrulham-se na língua.
As mais puras transformam-se, violáceas,
roxas de silêncio. De que servem
asfixiadas em saliva, prisioneiras?
Possuímos, das palavras, as mais belas;
as que seivam o amor, a liberdade...
Engulo-as perguntando-me se um dia
as poderei navegar; se alguma vez
dilatarei o pulmão que as encerra.
Atravessa-nos um rio de palavras:
Com elas eu me deito, me levanto,
e faltam-me palavras para contar...**



Pedra de Fecho

**Sobre o presente escrevo. Raspo
a calíça do invólucro, tento
atingir o cerne emparedado.**

**Sobe até mim a esperança de supor
que serei ininteligível
aos leitores do futuro.**

**Penso que acreditarão mórbida
a minha "fantasia". Não poderão
entender este gosto de saliva
e veneno; esta floração
de artérias abertas sob a raiva.**

**Pensarão: "Que pavores o povoaram?
Como acreditar na falta de saúde
do tempo que descreve? Aceitaremos
este emissário da dor, este vazio
febril das mãos que estende?"**

**Entre o papel e a luz escrevo
das moedas do agora. Pressagio
que não entenderão, que não serão
raros braços a arder os clarões na noite.**



Os Vegetantes

**Continuam aqui
roendo as unhas!**

**Substituem as unhas por poemas
(ou cafés, futebol, anedotário)
e estilhaçam espelhos que na luz
ao seu devolvem a cruel imagem.**

**Vidrado limo o rosto
de rugas sem memória
assistem à vida como um filme:
disparar sobre a tela é proibido
e além do mais inútil.**

**Curvam ao solo os ombros
escorjados; curvam-nos para
duradouras urtigas, seixos
sem horizontes, epitáfios
de lama, dezembros, poeira fria.**

**Se chovem as esperanças não acorrem
a apanhá-las na boca ao ar aberto.
Tijolo articulado a língua balbucia
"É a vida!". Sementes violadas
não germinam.**

**Em vão os bombardeiros os oráculos
com agulhas de sangue. Nada tentam
para vida à fala que utilizam,
ao país do cansaço que entre dentes
ressaca.**

**E fazem do amor essa triste umidade,
um delíquio formal logo amortalhado.**

**São dóceis, cibernéticos,
dia a dia premiados
de alguns gramas a mais
no chumbo do pescoço.**

